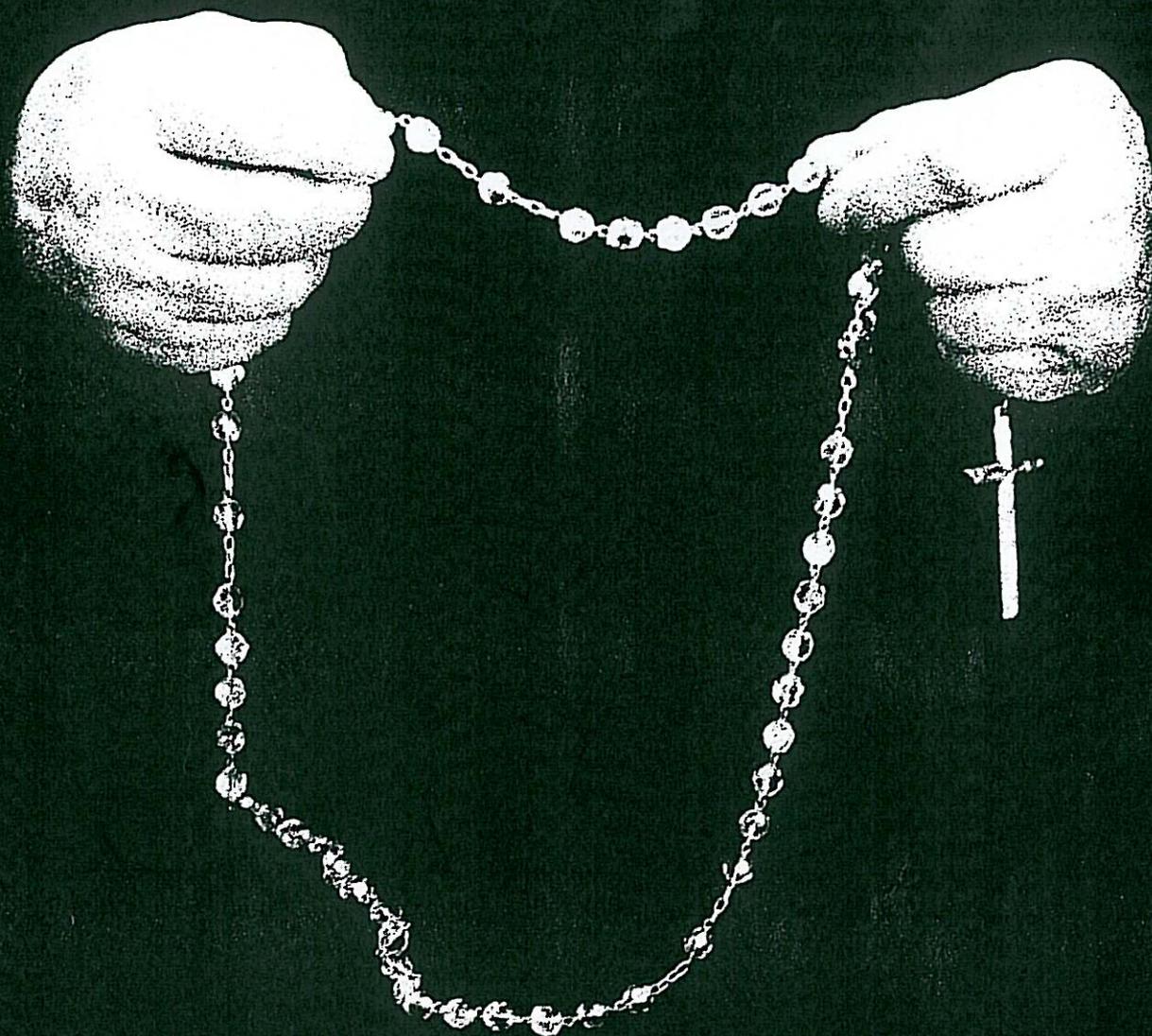


SÃO DOMINGOS

Uma igreja
marcada pela

tragédia

275. PT - LISBOA
Igreja de S. Domingos
Altar e Imagem de N. S. Fd
b37e35



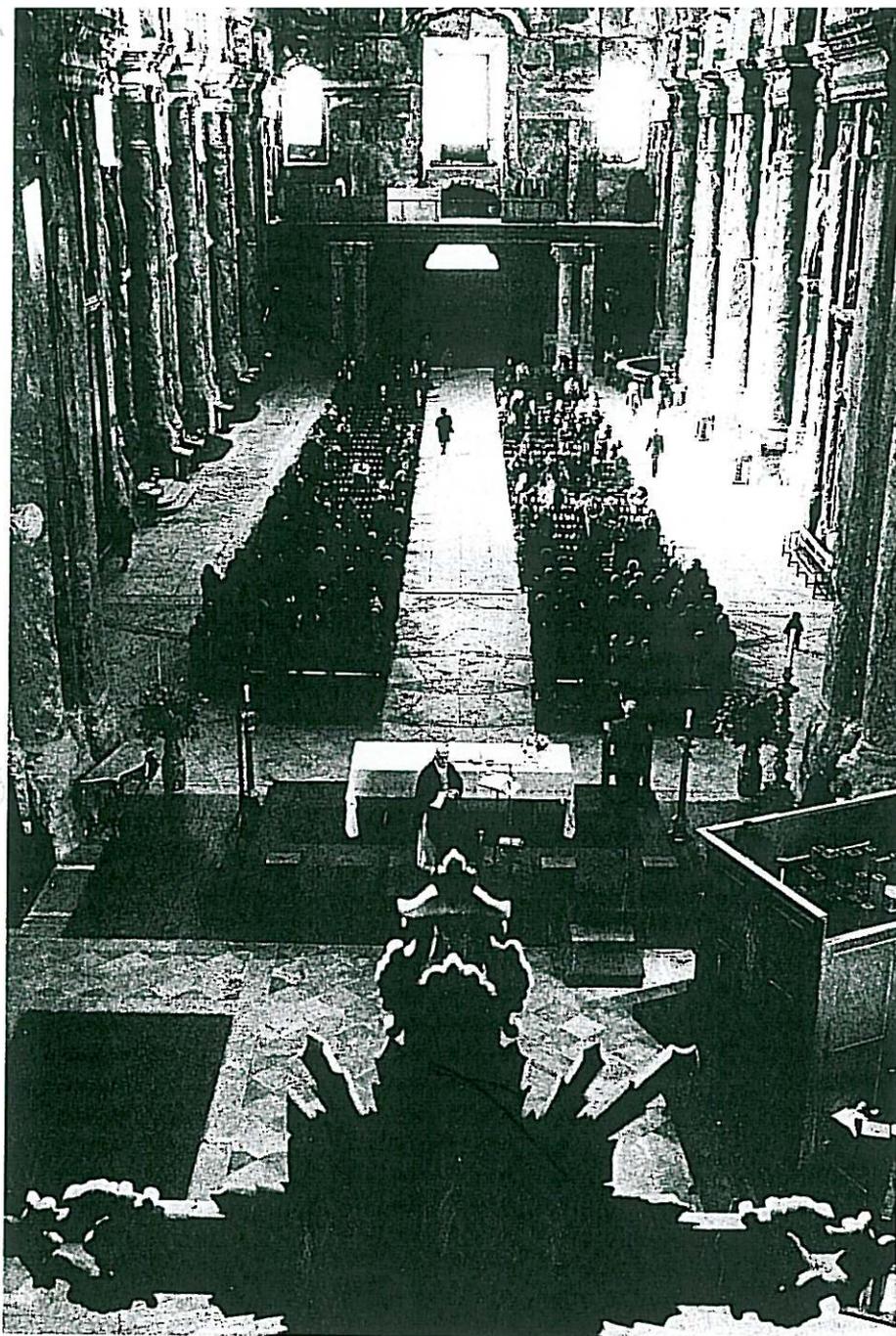
245, P
Paróquia Santa Justa
Igreja de São Domingos

— As paredes enegrecidas pelo fumo e os tectos encarnados marcam a cadência das orações na Igreja de São Domingos, em Lisboa. — Palco de batizados e casamentos reais, este templo foi diversas vezes assolado pela tragédia: inundações, sismos e incêndios quase o destruíram por mais de uma vez. — Monumento nacional, recuperado e restaurado, é hoje referência obrigatória no roteiro turístico da Baixa lisboeta.

TEXTO Sofia Barrocas — FOTOGRAFIA Nacho Doce



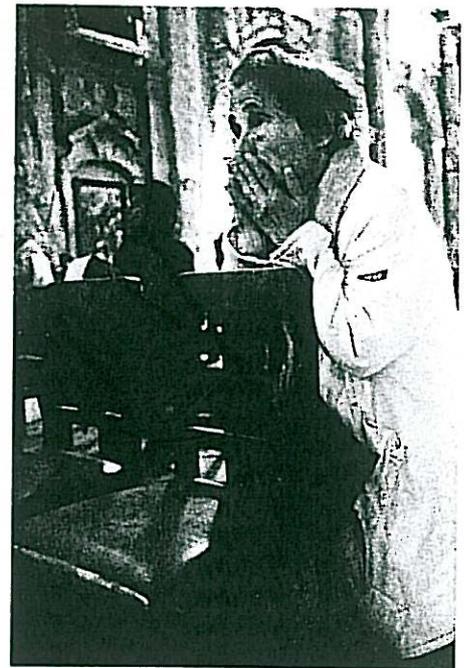
Esta igreja é wagneriana – a definição é do padre Bráulia Reis, há 18 anos prior da Igreja de São Domingos, em plena Baixa lisboeta. Os tectos encarnados, as paredes enegrecidas pelo fumo dos incêndios que a consumiram mais do que uma vez, as marcas deixadas pela água das inundações, os já pouco visíveis sinais dos sismos que a abalaram, atestam bem o passado trágico de uma igreja que é monumento nacional. Diz o povo que foi construída no local onde, há vários séculos, se faziam os autos-de-fé, isto é, onde as pessoas condenadas eram queimadas, e por isso a sua história terá ficado para sempre refém das



*Na nave altar e imã-
gens, não houve danos
São João segundo o antigo*

O rei D. Carlos foi aqui baptizado, aqui se casou e foi aclamado rei.

A 13 de Agosto de 1959, um incêndio destruiu grande parte da igreja.



atrocidades aí cometidas. Verdade ou nem tanto, o que se sabe é que foi construída junto da Capela de Nossa Senhora da Escada, de fundação muito remota, cuja imagem foi sempre muito venerada pelo povo de Lisboa e pelos reis portugueses. A igreja pertencia ao Convento de São Domingos, que começou a ser construído em 1241, no reinado de D. Afonso III, e ficou concluída em 1251.

O baptizado de D. Carlos

Inundações e incêndios fazem parte da história atribulada desta igreja, declarada monumento nacional no século XX, e que foi palco de celebrações reais: o rei D. Carlos foi aqui baptizado, aqui se casou com a rainha D. Amélia e aqui foi aclamado rei em 1889. A 13 de Agosto de 1959, um terrível incêndio destruiu em três quartos de hora

grande parte desta igreja bem no coração de Lisboa. A 25 de Outubro desse ano o prior celebra uma missa no meio das ruínas, à qual assistiram milhares de pessoas.

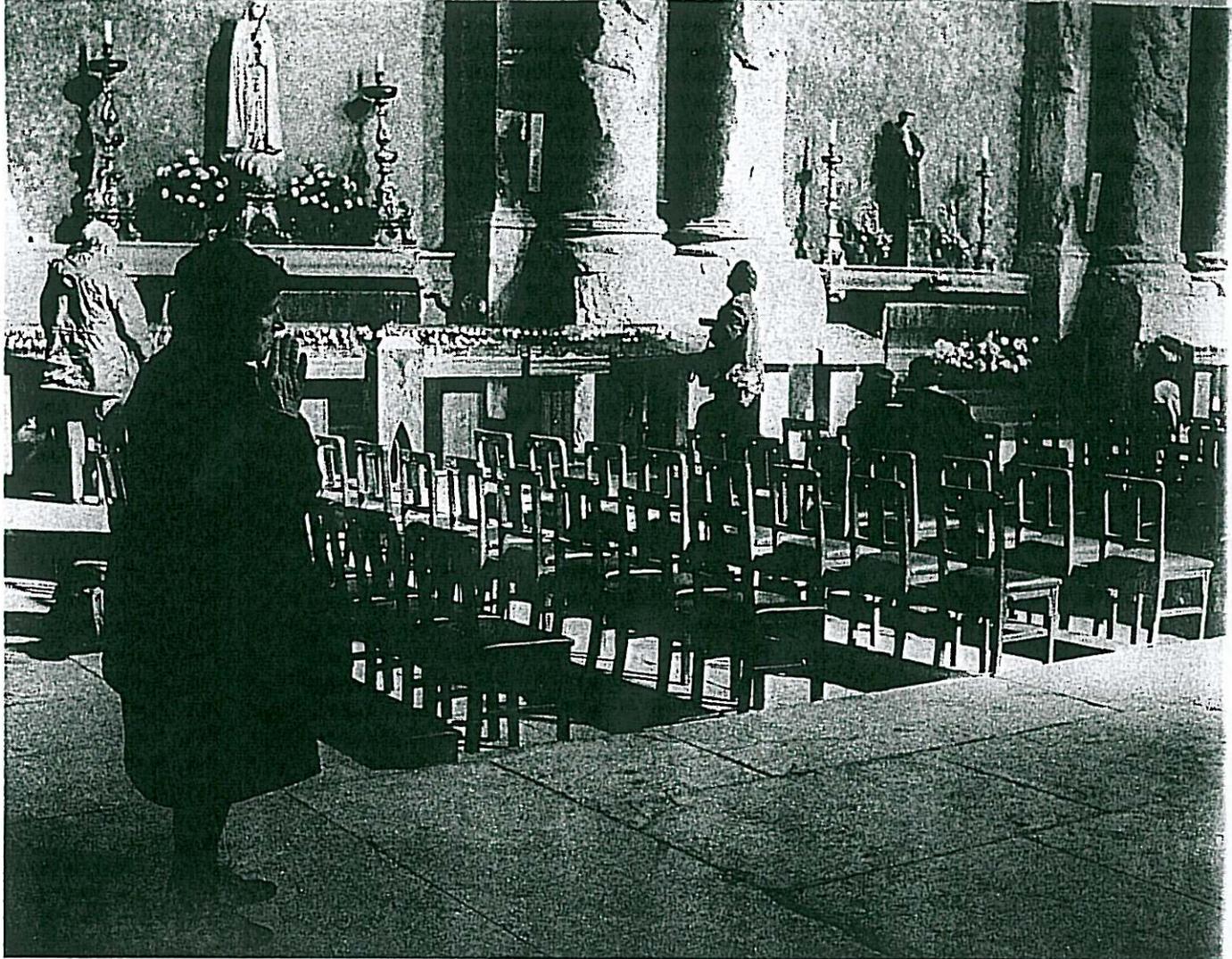
O templo foi reconstruído, mas quando o actual prior aqui chegou encontrou-o num estado de perfeita degradação: «Chovia como na rua, os altares não tinham imagens, estava uma porcaria. Até cá veio o presidente Sampaio, que me aconselhou a recorrer ao mecenato para a recuperação, mas o mecenato não quer saber de igrejas para nada, e consegui o dinheiro necessário através dos fiéis e de doações.» O padre Bráulio Reis não resiste a citar um antigo bispo do Porto: «Os ricos dão-me conselhos. Os pobres dão-me dinheiro.» Hoje, o prior orgulha-se do trabalho de recuperação. A restauração, da responsabilidade do arquitecto Cannas, ficou a cargo dos

Os não-católicos

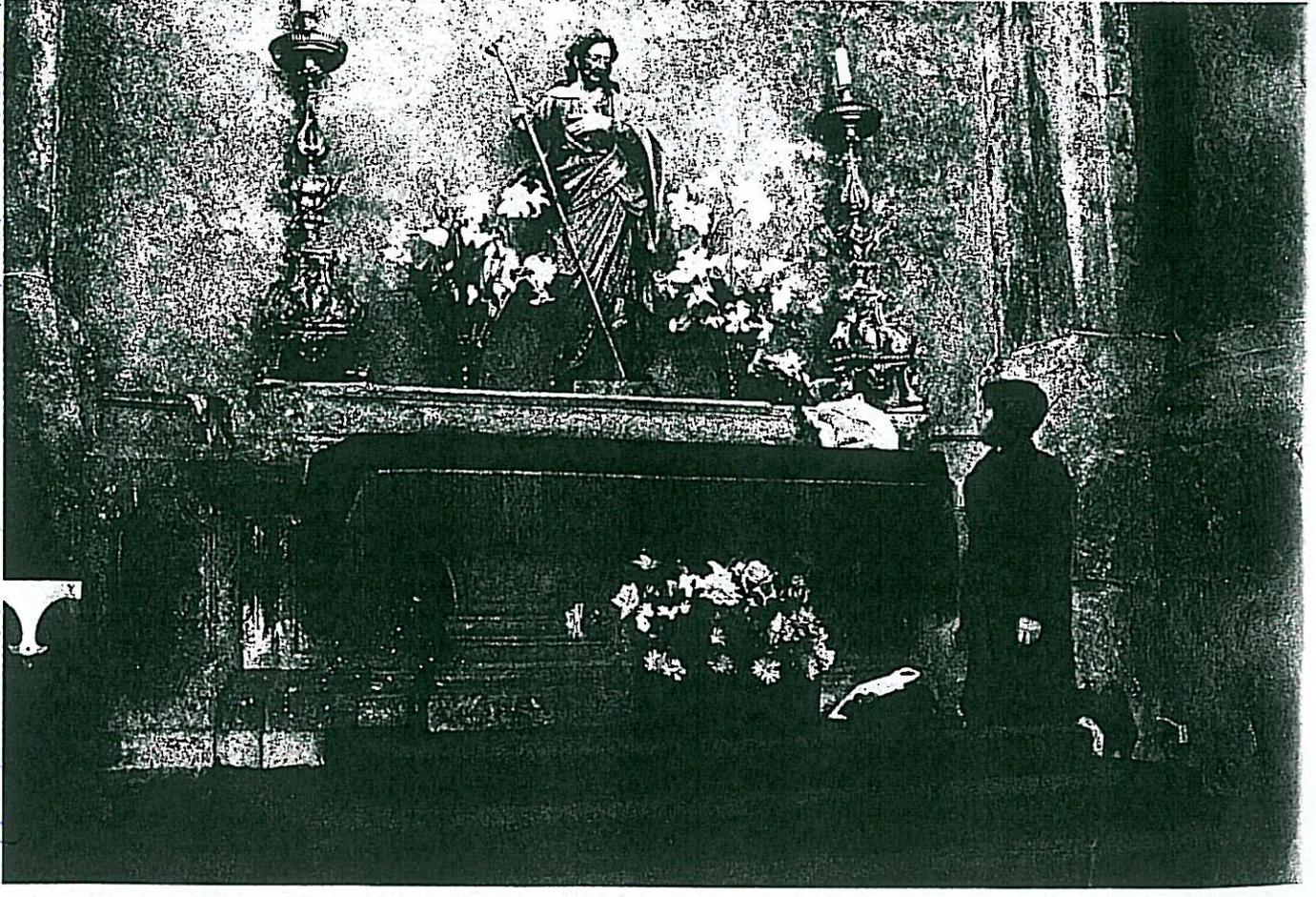
Apesar de Portugal ser um país maioritariamente católico, estão registadas no nosso país 572 associações religiosas não-católicas. Destas, 245 estão em Lisboa, 84 no Porto, 68 em Setúbal e 30 em Leiria e as restantes no resto do país. Apesar de muitas destas associações - várias delas de carácter regional e

pertencentes a uma mesma religião - existirem desde 1974, é a partir dos anos noventa que se nota um maior acréscimo de registos. Este são da responsabilidade da Comissão de Liberdade Religiosa, órgão pertencente ao Ministério da Justiça, e foram publicados no *Diário de Notícias* em Outubro de 2002.

Na nave, altar e imagens na parede lateral do lado esquerdo, lado do Evangelho. O altar depois da entrada



Visitei em 2005.01.27. Aparecem as imagens fotografadas e impressas (pequenas) do Senhor Nossenhador





Monumentos Nacionais: tratou-se as paredes enegrecidas que ostentam as marcas do último incêndio que a consumiu e pintou-se os tectos de encarnado para marcar bem o tom trágico desta igreja. De realçar também a recuperação da sacristia, em que os móveis de pau-santo com embutidos e o chão de mármore foram alvo de um cuidadoso restauro.

O regresso dos fiéis

A recuperação da igreja permitiu também o regresso dos fiéis, que a tinham abandonado como local de culto devido à falta de condições. Inserida numa zona onde praticamente não há residentes – a paróquia abrange o Rossio, a Praça da Figueira, o Martim Moniz, os Restauradores e Santa Justa/Rufina (as duas santas padroeiras de Sevilha que deram nome à paróquia) –, o padre Bráulio Reis procura atrair gente através da catequese e de grupos de jovens. Rodeado de uma «excelente equipa de jovens padres, entre os quais um que é psicólogo», garante que o templo é muito procurado para baptizados e casamentos. As orações, essas, são constantes durante o dia, e diante dos altares há sempre velas acesas por quem fez votos ou pedidos ao seu santo de eleição. Além de visita obrigatória pelos muito turistas que visitam Lisboa, a Igreja de São Domingos é hoje uma igreja onde apetece entrar... e rezar. <<



O primeiro dominicano

São Domingos nasceu em 1170, em Calaruga, França, e desde muito novo manifestou a sua vocação para servir Deus. Dedicava-se a pregar e foi sempre um inimigo declarado das penas corporais. Tentou – e conseguiu – fundar uma instituição devotada às funções apostólicas e, especialmente, à pregação. Apesar da proibição de fundação de novas ordens estabelecida pelo 4.º Concílio de Latrão, São Domingos viu a sua aprovada por duas bulas de Honório III, de 26 de Dezembro de 1216. O pontífice

criou, na mesma altura e a seu favor, a dignidade de Mestre do Sacro Palácio (Teólogo do Papa), cargo que passou a ser ocupado por dominicanos. O ministério da palavra foi sempre o objectivo principal da Ordem que criou com o objectivo de ver os seus religiosos dedicarem-se à pregação. São Domingos fundou um grande número de conventos, enviando discípulos em todas as direcções. Acabou por se fixar em Bolonha, Itália, cidade onde morreu a 6 de Agosto de 1221, com 51 anos.

